

## Índice

Pós-verdade ou mentira? .....	1
Combater o fanatismo com a verdade.....	4

## Pós-verdade ou mentira?

Para lá do debate sobre as causas da sua irrupção, a *pós-verdade* parece ser o termo no qual confluem fenómenos tão díspares como o negacionismo científico, a distorção ideológica, a política da emoção, o crescimento dos populismos e a difusão das *fake news*. O inegável é que se trata de uma sequela do relativismo e da indiferença pública para com a verdade.

A maioria dos que estudaram a *pós-verdade* concorda em que está a ter efeitos devastadores para a convivência política. Mas, apesar do equívoco, não faz referência à súbita difusão da mentira ou a subtis estratégias de manipulação, a respeito das quais o homem tem uma longa experiência, mas a um obscurecimento ideológico onde há primazia para o emocional e que se acaba por tornar, por princípio, imune à refutação (ver [“Bienvenidos a la era de la posverdad”](#), “Aceprensa”, 10.10.2016).

O neologismo alcançou popularidade em 2016, quando o “Oxford English Dictionary” o escolheu a palavra do ano. Como indica a definição que apresenta este dicionário, *pós-verdade* não implica uma contestação do que é evidente, mas uma descrição da nossa cultura política, em que os factos objetivos “têm menos importância no configurar da opinião ou do debate público que os sentimentos ou as convicções pessoais”.

### A idade dos preconceitos

A *pós-verdade* não equivale, portanto, à rejeição sistemática do que é verdadeiro, porque, como explicou Harry Frankfurt no seu livro “Sobre la verdad” (Paidós, 2007), existe uma dimensão da realidade “que nem a mais enérgica subjetividade se atreveria a pôr em causa”. A “cultura *pós-verdadeira*” aparece somente onde a verdade faz fronteira e choca com a ideologia e acaba por se render perante ela. Não afeta aquilo que Leibniz denominou “verdades de razão”, nem as verdades de facto alheias à controvérsia de façção.

Sobretudo, está relacionada com essas verdades contingentes, frágeis, da política, e irrompe quando a busca cooperativa da verdade claudica e o comum recua perante o que nos separa. Seja em torno da mudança climática, do jihadismo ou da imigração, descreve os esforços para distorcer os factos e ajustá-los ao preconceito.

Se os que aprofundaram o assunto apuram os seus diagnósticos ou se mostram solícitos no momento de identificar as suas causas, deteta-se neles, paradoxalmente, um peculiar preconceito. A maioria, por exemplo, sente entre os conservadores uma afinidade especial com a *pós-verdade*, como se o outro lado do espectro ideológico fosse imune.

De qualquer forma, o debate não parece estar entre os que defendem os benefícios proporcionados pela nossa “época *pós-verdadeira*” e os que a consideram prejudicial, mas entre os que entendem que se trata de um fenómeno inusitado e os que consideram que é mais uma forma de manipulação.

## Mentiras “low-cost”

Porque, efetivamente, questionar a verdade não parece ser algo muito inovador, recordou [Crispin Sartwell](#) no “The Wall Street Journal” (6.5.2017). De facto, é possível narrar a história do pensamento como uma contínua disputa onde os defensores da verdade objetiva, como Sócrates, se confrontam com os seus detratores, como os sofistas.

De qualquer modo, e por paradoxal que possa parecer, o regime cultural da pós-verdade não evidencia a crise da verdade, mas o desejo de monopolizá-la de um ponto de vista ideológico, pois os que interpretam, inclusivamente, de forma artificial, os factos em apoio das suas teses, mais do que minar a verdade, pressupõem o seu valor.

Para Raúl Rodríguez Ferrándiz, professor de Comunicação na Universidad de Alicante e autor de “[Máscaras de la mentira](#)” (Pretextos, 2018), a pós-verdade está longe de se servir muito da utilização da mentira política, assim como da persuasão publicitária ou do inteligente uso da ironia, utilizada desde tempos imemoriais de forma astuta para minar o poder. Sobre-tudo, caracterizar-se-ia pelo seu simplismo e grosseria. Segundo Rodríguez, constitui uma espécie de mentira *low-cost*, que fabrica e ignora o real, não para convencer um público incrédulo, mas para exacerbar a adesão do incondicional. Daí a sua vinculação ao fanatismo.

O que a converte numa mentira grosseira, tosca e rudimentar é que, diversamente da falsidade mais sofisticada, interpreta, seleciona e cria mesmo os factos em função de preconceitos, sabendo que, em todo o caso, não há custos a suportar, que nunca ninguém exigirá retratar-se a quem mente e que é uma falsidade tão tosca que nunca será refutada.

## Emocional epistemológico

Ora, se a *pós-verdade* contorna os factos e as razões, qual é o seu fundamento? O critério determinante é a emoção. Lee McIntyre, autor de “[Posverdad](#)” (Cátedra, 2018), considera que a estrutura que impõe esta nova moda cultural não questiona, como se pensa por vezes, apenas a relevância dos factos, sendo que os subordina à inclinação política e à sua expressão emocional.

Nesta perspetiva, não há dúvida de que o tema tem a ver com a progressiva psicologização da verdade e com a alargada ideia de que os julgamentos do homem sobre o real não têm fundamento. Como sugere em “[Posverdad. La nueva guerra contra la verdad y cómo combatirla](#)” (Alianza, 2019) Matthew

d’Ancona, colaborador do “The Guardian”, a verdade desloca-se do juízo racional e converte-se numa disposição anímica: “A pós-verdade é, antes de tudo, um fenómeno emocional. Tem a ver com a nossa atitude perante a verdade, mais do que com a verdade em si”. É como se o emocional tivesse colonizado a epistemologia.

Ao menosprezar o que é factual, a sociedade de hoje converte-se na legítima herdeira do dogma nietzschiano, segundo o qual não há verdades, mas sim interpretações. Sublinhando o emotivo, a argumentação racional recua no discurso público. O apelo ao que é visceral, ao instintivo ou irracional, à autenticidade e ao coração, ocupa o lugar que antes estava reservado ao rigor da lógica. O discurso da pós-verdade não pretende ganhar novos seguidores, como a propaganda clássica, mas agravar ainda mais a identidade do fanático.

## “Pior para os factos”

Michiko Kakutani, crítica do “The New York Times”, afirma em “[La muerte de la verdad](#)” (Galaxia Gutenberg, 2019) que foi a filosofia pós-moderna que preparou o caminho para que a pós-verdade se tenha enraizado. Muito provavelmente, poucas pessoas conhecem as teorias de Michel Foucault, [Jacques Derrida](#) ou Jean-François Lyotard, mas é inegável que as suas teses se difundiram socialmente e que ajudaram a configurar as atitudes políticas tanto num lado como no outro do espectro político.

Os que aderiram às correntes pós-modernas converteram a desconfiança na principal atitude cívica, semeando o corpo político de receios e suspeitas de classe. Mostrar precaução perante o poder constitui um exercício cívico sã, do mesmo modo que o é a crítica, mas generalizar a suspeita tem o perigo de converter o concidadão num potencial inimigo.

O pós-modernismo concebe a verdade como uma construção cultural que não reflete a realidade objetiva, mas dominações e servidões. De acordo com a sua argumentação, a emancipação exige desprender-se dessa velharia que nos escraviza. O homem pós-verdadeiro não cede perante os factos: tem sempre à sua disposição “factos alternativos”. E se os factos não se conciliam com aquilo que pensa, “pior para eles”, poderia afirmar, emulando Hegel.

## A falácia do relativismo

Há um lema pós-moderno – o que afirma que todas as opiniões são igualmente respeitáveis e valiosas – que teve

muita importância na expansão do pós-verdadeiro, assim como no desprestígio público da noção de verdade. Alargou-se, deste modo, uma compreensão falsa da imparcialidade, que levou a atribuir o mesmo valor à opinião do neófito que à do especialista e a ter em conta o falso de igual maneira que o que não o é. A moda do pós-verdadeiro não deixa de ser consequência de uma forma de pensar relativista.

Hannah Arendt recordava que “a verdade é por natureza tirânica” e, talvez por isso, o pensamento pós-moderno chegou à conclusão de que a tolerância exigia mostrar um requintado respeito pela mentira. Mas a isso responde McIntyre que “a meta da objetividade não é conceder um tempo equitativo à verdade e à falsidade, mas facilitar o desenvolvimento da verdade”.

É surpreendente, no entanto, que estes autores a que aludimos e que estudaram a gênese da pós-verdade, não tenham reparado no precedente da razão cínica, que [Peter Sloterdijk](#) estudou já nos anos 80 do século passado, ou na contribuição do ironismo liberal de Richard Rorty. Se o pensador alemão detetou o desespero insolente do homem contemporâneo perante o niilismo, o norte-americano reconheceu o falibilismo e a constatação da falta de fundamentos como a atitude própria do cidadão maduro.

O que é mau é que o cinismo, a indiferença ou a negligência no momento de defender a verdade tenham acabado por dar lugar à cumplicidade com as mentiras “pós-verdadeiras”. Não pode haver quaisquer dúvidas, contudo, que os pensadores citados não observaram o contrassenso político e social dos seus postulados. Porque nem o relativismo nem a pós-verdade contribuíram para configurar contextos sociais mais tolerantes, livres ou pacíficos, tendo sim dinamitado a intersubjetividade, feito recrudescer o confronto e levado a agudizar a polarização ideológica. Como igualmente foi assinalado pela filósofa norte-americana [Rebecca Goldstein](#), se renunciarmos à verdade, infelizmente “apenas nos restam sofismas” (“The Wall Street Journal”, 15.3.2018).

### A obsolescência da mentira

O pós-modernismo apresenta o quadro teórico da pós-verdade; a tecnologia, realça D’Ancona, dispensa o conjunto de ferramentas perfeito para a sua expansão. Segundo o jornalista britânico, a democratização do conhecimento teve efeitos positivos, mas seria injusto menosprezar a sua contribuição para consolidar as novas práticas ideológicas.

Por exemplo, os especialistas perderam autoridade e as suas opiniões são questionadas mesmo nas áreas da sua especialização (ver [“El declive de los expertos”](#), “Aceprensa”, 25.7.2018). Também, por outro lado, tende-se a medir a relevância da informação apenas quantitativamente, e não qualitativamente. Em resumo, é possível afirmar que a sociedade

tecnológica envolve hábitos e processos que ajudaram a dinamitar o valor da verdade e a resistência do real. McIntyre vincula, neste sentido, a pós-verdade com a difusão das redes sociais, as quais, em muitos casos, constituem a única fonte consultada pelos utentes.

No nosso mundo do Big Data, a Internet converteu-se em caldo de cultura da desinformação. Neste sentido, não é que tenhamos decretado o fim da verdade, mas sim, por jogar com os termos, a obsolescência da mentira, na medida em que a tecnologia se mostrou capaz de converter o possível e imaginário em real (realidade virtual) e permite confirmar com um mero clique qualquer teoria. A Internet é apresentada aos utentes como um depósito de factos – reais ou fictícios: a distinção desapareceu – que podem utilizar com liberdade para robustecer a sua identidade política.

### A solidão do mentiroso

Em [“On Bullshit. Sobre la manipulación de la verdad”](#) (Paidós, 2006), Harry Frankfurt refletia sobre a comunicação contemporânea. Aquilo que o filósofo norte-americano chamava *bullshit*, pode ser considerado um precedente direto da pós-verdade. Para este professor de Princeton, o “charlatanismo”, para o qual todos contribuimos e ao qual todos estamos expostos, foge à verdade e é muito perigoso, porque quebra o vínculo do homem com o real, pondo em perigo a própria noção de racionalidade.

No seu ensaio posterior, “On Truth”, Frankfurt apresenta provas suficientes da utilidade desta última. A ciência e, em geral, a civilização, assentam sobre grandes quantidades de informação que não teria sido possível obter, sem reconhecer a sua adequação com o real. “Necessitamos da verdade não só para viver bem, como também para sobreviver”, defende.

No entanto, para lá das razões pragmáticas ou dos benefícios sociais que nos reserva a crença na verdade, também se torna algo de transcendente para a nossa identidade pessoal. Esta exige “a apreciação de uma realidade que é independente de nós”.

A verdade permite articular o nosso eu, diferenciar-nos do que nos rodeia e constatar que não estamos sozinhos no mundo. É o reconhecimento dessa verdade e dessa realidade comum o que nos vacina contra a mentira e contra qualquer forma que adote a pós-verdade, oferecendo-nos, ao mesmo tempo, um lugar de encontro e confluência com os outros.

J. C.

## Combater o fanatismo com a verdade

Para neutralizar as consequências da manipulação e da distorção ideológica, é importante rejeitar o relativismo.

Tanto Matthew d’Ancona como Lee McIntyre apresentam [nos seus ensaios propostas para atenuar a influência da pós-verdade](#) e conselhos para formar juízos ponderados. Ambos pensam ser necessário recuperar a objetividade e ter presentes os factos, assim como ultrapassar a indiferença pública diante da mentira. A sociedade da informação é demasiado permeável às ideologias, pelo que é necessário o compromisso incondicional com a verdade, acima das preferências políticas.

O objetivo, explicam, não é convencer o mentiroso nem obrigá-lo a retratar-se. A finalidade de testemunhar a manipulação dos factos ou o seu fabrico, assim como a de denunciar o simplismo das teorias de conspiração, é evitar que os embustes intoxiquem o discurso público, ou possam penetrar em consciências menos avisadas.

Neste sentido, os que criticam a pós-verdade parecem estar a fazer causa comum contra o que consideram o seu gérmen: o relativismo. Perante ele, todos de algum modo pretendem reabilitar a verdade e recordam que o discurso público não deve consistir numa disputa erística sobre os nossos preconceitos, mas em procurar e descobrir entre todos a verdade.

Lee McIntyre, por exemplo, recorre às lições da psicologia para ilustrar como funcionam as distorções cognitivas e a maneira mais adequada de lutar contra elas. É especialmente importante combater a nossa tendência para selecionar aquilo que confirma a nossa tese, contornando os que a refutam. Como ensinam os grandes pensadores da história, desde Sócrates até Karl Popper, apresentar objeções e rebater os nossos próprios pontos de vista é a melhor forma de neutralizar a força do pós-verdadeiro.

### Contra a desinformação

Por seu lado, D’Ancona pensa que se deve explorar mais astutamente o atrativo emocional da verdade e que o contra-ataque deve ter em conta, além da razão, a dimensão pessoal. “Num mundo de pós-verdade, não basta uma argumentação intelectual. Em muitos contextos (pode ser que na maioria dos casos) é preciso comunicar os factos de forma que se reconheçam os imperativos emocionais, além dos racionais (...) Mais do que nunca, a verdade exige um sistema

emocional de transmissão que apele à experiência, à memória e à esperança”, salienta.

No que todos concordam é na necessidade de combater a desinformação. A Internet favorece o imediatismo, o que juntamente com a perda de confiança generalizada dos utentes e o desaparecimento da diferença entre notícias, factos e opinião, deixa os cidadãos à mercê da informação indiscriminada. Se se perde a batalha da atenção e a atitude do cidadão na rede é passiva, a pós-verdade ganha terreno.

Aprender a diferenciar as fontes confiáveis das que não o são, é crucial neste momento. Alguns chegaram a propor mesmo um registo de páginas duvidosas. Tanto as empresas tecnológicas como os poderes públicos estão a tomar iniciativas que, embora indiretamente, contribuem para pôr termo às distorções da verdade, mas são os utentes que devem ter critérios para detetar o verdadeiro e razoável na avalanche informativa que diariamente os inunda.

Não será precisamente isso o que possibilitam os meios de comunicação que apostam no rigor, que comparam as fontes, validam os dados e analisam a informação? “Talvez devêssemos comprar, ao fim e ao cabo, aquelas assinaturas de antigamente ao “The New York Times” ou ao “The Washington Post”, em vez de nos basearmos em dez artigos gratuitos por mês”, sugere Lee McIntyre. Ou será que não valorizamos suficientemente a verdade?

J. C.